

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 168 | Volume 20 | 2023

**Thomas Merton,  
leitor de Sigmund Freud e Carl Jung**

Nilson Perissé

**Cadernos** *Teologia  
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 168 | Volume 20 | 2023

**Thomas Merton, leitor de  
Sigmund Freud e Carl Jung**

**Nilson Perissé**

Psicanalista, Mestre em Sistemas de Gestão pela Universidade

Federal Fluminense - UFF e membro da Associação Thomas Merton



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Cadernos Teologia Pública** é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz  
ihu.unisinos.br

### Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 168 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

**Conselho científico:** Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

**Responsáveis técnicos:** Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

**Revisão:** Isaque Gomes Correa

**Imagem da capa:** Esferas cortadas e superpostas. Pixabay

**Projeto Gráfico:** Ricardo Machado

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



# Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung

Nilson Perissé

**RESUMO:** Este artigo analisa o diálogo que Thomas Merton estabeleceu com a psicanálise freudiana e a psicologia junguiana, bem como a influência desses saberes na construção de sua teologia do verdadeiro eu.

**PALAVRAS-CHAVE:** Thomas Merton. Psicanálise. Teologia do verdadeiro eu.



# Thomas Merton, reader of Sigmund Freud and Carl Jung

Nilson Perissé

**ABSTRACT:** This article analyzes the dialogue that Thomas Merton established with Freudian psychoanalysis and Jungian psychology, as well as the influence of this knowledge in the construction of his theology of the true self.

**KEYWORDS:** Thomas Merton. Psychoanalysis. Theology of the true self.



# Thomas Merton, leitor de Sigmund Freud e Carl Jung

Nilson Perissé

Psicanalista, Mestre em Sistemas de Gestão pela Universidade Federal Fluminense - UFF e membro da Associação Thomas Merton

## MERTON E A TEOLOGIA DO VERDADEIRO EU

A teologia do verdadeiro eu é considerada uma das contribuições mais originais do monge trapista Thomas Merton, famoso autor de livros como *A montanha dos sete patamares*, *Novas sementes de contemplação*, *Homem algum é uma ilha* e outros. Garimpando os vários escritos componentes de sua obra, podemos identificar inúmeras referências aos conceitos de verdadeiro e de falso eu, numa linha de pensamento que pode proporcionar poderosas intuições acerca do que representa nossa verdadeira identidade.

Para além de Sigmund Freud e Carl Jung, que identificavam na neurose um sintoma da alienação do

sujeito ao social, Merton apresentou uma perspectiva ainda mais ambiciosa: aquilo que nos angustia no mais profundo de nosso íntimo é a alienação em relação à nossa identidade divina. Ele se refere a essa identidade como nosso verdadeiro eu, espécie de matriz singular criada por Deus para cada ser humano e que deve servir para nortear as ações e escolhas de cada um. “Somos palavras proferidas em sua Única Palavra, e o seu Espírito Criador habita em nós”, diz Merton<sup>1</sup>. Viver orientado pelo verdadeiro eu implica, portanto, estarmos alinhados com os planos do Criador para nossa encarnação, ou, em outras palavras, materializar no mundo essa palavra específica emitida por Ele ao criar cada um individualmente. Afinal, insiste o monge, “Deus me ‘pronuncia’ como uma palavra que contém um pensamento parcial de si mesmo”<sup>2</sup>, o que liga minha verdadeira identidade, ou verdadeiro eu, de forma indissolúvel, a essa intenção criativa e criadora.

Por outro lado, o falso eu estaria representado na imagem social que criamos de nós mesmos para atender às expectativas que os outros têm de nós, ou mesmo para construir uma ficção que representa a maneira como queremos ser vistos por aqueles que nos rodeiam.

Rastrear as concepções de verdadeiro e falso eu em Thomas Merton permite observar que o autor, embora tenha feito uso das tradições espirituais para elaborar e desenvolver esses conceitos, manteve um diálogo muito próximo com a psicologia e a psicanálise, considerando que a busca científica de pensadores como

1 MERTON, Thomas. Novas sementes de contemplação. Rio de Janeiro: Fisus, 2001. Trata-se de um trabalho de 1962 que revisa e amplia uma obra anterior, Sementes de contemplação, publicada originalmente em 1949.

2 MERTON, Thomas. Novas sementes de contemplação, p. 45.

Freud e Jung, ainda que sem uma perspectiva clara de Deus, se aproxima de questões comuns quando o objetivo, em essência, é lançar luzes sobre a condição humana. É possível, portanto, observar que a concepção mertoniana de desenvolvimento da pessoa passa, em seus primeiros degraus, por conceitos e práticas dessas disciplinas seculares, e para chegar a isso Merton debruçou-se sobre muito de seus achados. Se pensarmos numa escavação como metáfora, seria como se os primeiros metros de descida em nossa psique passassem por descobertas das psicologias, e profundidades maiores implicassem no aporte dos *insights* das tradições espirituais. Nessa perspectiva, psicologia e religião estariam dando as mãos para responder à clássica pergunta: que é o homem?

Getúlio Bertelli, autor brasileiro de um ensaio sobre Merton, referindo-se a uma “espiritualidade do futuro”, opina que uma vigorosa mística cristã do terceiro milênio deve ser buscada “redescobrimo as riquezas da fé cristã, dialogando com as intuições da psicoterapia, abrindo-se para a mística das grandes religiões da humanidade e, finalmente, redimensionando a nossa pertença ao universo e, em especial, ao planeta Terra”<sup>3</sup>.

Numa observação convergente, Carter Haynes, da William Jessup University, na Califórnia, e pesquisador das relações entre psicologia e religião, chama a atenção para o fato de que Merton “leu e foi afetado pela psicologia moderna, e uma maneira psicológica de entender a condição humana entrou em seu entendimento pessoal da espiritualidade”<sup>4</sup>. Afinado com 3 BERTELLI, Getúlio Antônio. *Mística e compaixão: a teologia do seguimento de Jesus em Thomas Merton*. São Paulo: Paulinas, 2008. 4 HAYNES, Carter. *Identity, Transcendence and the True Self: Insights from Psychology and Contemplative Spirituality*. HTS: Theological Studies. Disponível em: <https://hts.org.za/index.php/hts/article/>

essa premissa, este artigo, sem desconsiderar que o pensamento de Merton sobre a singularidade do ser humano bebeu das águas de referências emblemáticas no campo religioso, como Duns Scotus<sup>5</sup>, São Bernardo de Claraval<sup>6</sup> e outros, procura colocar em relevo algo não suficientemente estudado: suas aproximações com Sigmund Freud, Carl Jung e com pós-freudianos como Erich Fromm e Karen Horney, cujas teorias, em alguma medida, deram suporte a ele na teorização da teologia do verdadeiro eu.

Não se trata, evidentemente, de querer estabelecer a psicanálise de Freud ou a psicologia analítica de Jung em seu conjunto como convergentes ou fontes primárias das construções mertonianas, a começar pelo fato de que, para Merton, o encontro com o verdadeiro eu passa, necessariamente, por um encontro com Deus. Freud, por outro lado, era ateu e Jung, a despeito de transitar por um campo variado de questões religiosas em sua obra, jamais reconheceu Deus como uma Pessoa. Nem por isso é possível negar que Merton [view/3455/8801](http://www.ihu.unisinos.br/view/3455/8801). Acesso em: 19 jul. 2023.

5 Entre os pontos que chamavam a atenção de Merton em Scotus está o conceito de hecceidade (do latim *haecceitas*) definido em alguns dicionários como a essência de uma coisa, os aspectos que a tornam uma coisa particular. Trazendo isso para a humanidade, a hecceidade se refere ao que há em cada pessoa que a torna singular em relação às outras. Transpondo esse conceito para o conceito bíblico de Criação, representa dizer que a intenção criativa de Deus não teria sido criar a raça humana como um bloco indistinto, mas cada pessoa individualmente, cada qual com suas próprias especificidades.

6 Merton atribui a São Bernardo suas reflexões acerca da noção de falso eu. Mas também é possível rastrear a influência do filósofo Jacques Maritain, que em seu trabalho fazia uma diferenciação entre indivíduo e pessoa. Maritain havia sido professor de Merton na universidade e muito de seu pensamento ecoaria em seu aluno na formulação sobre o verdadeiro e falso eu, a ponto de Merton, em Novas sementes de contemplação, dizer que o falso eu é o indivíduo, e o verdadeiro eu é a pessoa, termos inspirados em Maritain.

desconsiderou alguns avanços e perspectivas de seus trabalhos em relação ao entendimento da natureza humana ou que ignorou suas possibilidades de contribuir para deslocar a pessoa de um lugar de alienação para aproximá-la de sua verdade singular. Ao contrário, as ciências da mente de sua época foram exploradas por ele com a mesma avidez com que se debruçou sobre outros ramos do saber. James Finley, psicoterapeuta que recebeu direção espiritual de Merton por seis anos na Abadia de Getsêmani, observa a abertura intelectual da qual o autor se utilizava para lapidar sua compreensão sobre a natureza humana e considera que sua originalidade não se encontrava em criar terminologias novas, mas em se aproveitar de conceitos e ideias existentes para lhes dar um corpo próprio de acordo com suas elaborações:

Os termos “*verdadeiro eu*” e “*falso eu*” não são criações de Merton, no sentido em que o termo “*inconsciente*” é criação de Freud e a frase “*cogito ergo sum*” é de autoria de Descartes. [...] Sua genialidade não está em fundar uma nova espiritualidade, nem em cunhar seus próprios e exclusivos conceitos, mas em extrair elementos não reconhecidos e não apreciados, mas de vital importância, de várias tradições<sup>7</sup>.

Merton pensa no homem social de forma bem semelhante a Freud e Jung. Segundo esses pensadores, desde antes de nascermos nossos pais já fazem planos para nós: escolhem nossos nomes, formulam desejos sobre nosso sexo, pensam nas primeiras roupas que vestiremos e, no extremo, já vislumbram a profissão que teremos ao crescer. Quando nascemos, nos trans-

---

7 FINLEY, James. *Merton's Palace of Nowhere: A Search for God Through Awareness of the True Self*. Notre Dame, Indiana: Ave Maria Press, 1992.

mitem seus valores, demonstram contentamento ou desagrado com comportamentos ou com ideias que expressamos, e nós, em busca de sermos amados, procuramos corresponder às suas expectativas.

Essas cenas serão reproduzidas nos relacionamentos que desenvolveremos adiante: ora com colegas da infância que só irão nos desejar se gostarmos dos mesmos brinquedos, com a professora que nos valoriza se formos obedientes e outras figuras de autoridade, cada qual com seu amor condicionado a algo em nós. Na adolescência e juventude, tentaremos corresponder ao que a pessoa amada espera, e não será diferente no mundo do trabalho, onde, para ter um lugar, atuaremos com a adaptação social requerida. Para Merton, nenhum desses esforços será em vão, pois é necessário fazer concessões e funcionar socialmente. Não se vive num coletivo sem a aceitação de limites, disciplina ou movimentos no sentido de produzir boas interações com os outros. Mas se acreditarmos que somos e nos definimos exclusivamente pela imagem social que representamos, estaremos presos ao falso eu. O eu verdadeiro, conforme criado por Deus, encontra-se desconhecido dentro de nós, à espera de ser descoberto e desenvolvido.

Merton, então, recebe influências da psicanálise e da psicologia profunda para pensar na gênese e na manutenção do falso eu. Naturalmente, vai além dessas premissas, pois por meio das tradições espirituais irá pensar no verdadeiro eu, nosso núcleo íntimo que jaz oculto e imune à nossa alienação diante do mundo. Seu pensamento tratará de desenvolver essa tensão entre o verdadeiro e o falso eu, tensão que não se resolverá sem sacrifícios, pois implica uma relação com

Deus mais profunda do que a disciplinada frequência a missas, ações de caridade e orações vocais e mentais. Encontrar o verdadeiro eu passa pela experiência de Deus, por

[...] uma aceitação completa de nós próprios e de nossa situação conforme a vontade d'Ele. Significa isso a renúncia a todas as imagens ilusórias de nós mesmos, a toda exagerada apreciação de nossas capacidades, de maneira a obedecer à vontade de Deus como chega ela até nós, nas difíceis exigências da vida em sua rigorosa verdade<sup>8</sup>.

## LENDO FREUD, JUNG, FROMM E HORNEY

**N**a sua dimensão de abertura intelectual, ora brigando com as ideias de um Freud ou de um Jung, ora assimilando-as à sua maneira, Merton, antes mesmo de seu ingresso na vida monacal na Abadia de Getsêmani, já era um leitor ávido de suas produções. Assim ele relata sua experiência de jovem leitor de 19 anos de idade: “Comecei a tirar todos os livros de Freud, Jung e Adler da enorme biblioteca redecorada da Union e a estudar com o máximo de paciência e aplicação [...]. Dia após dia lia Freud”<sup>9</sup>.

Por essa época, em 1934, Freud já havia publicado praticamente todos os seus trabalhos mais importantes, restando ainda ser escritos *Moisés e o monoteísmo*, de 1939 e *Esboço de psicanálise*, de 1940. Aparentemente, nessa época Merton não lera ainda os chamados textos sociais de Freud. Marco desse conjunto, *O mal-estar na civilização* veio a ser lido apenas no ano de sua morte,

8 MERTON, Thomas. A oração contemplativa. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

9 MERTON, Thomas. A montanha dos sete patamares. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

em 1968, o que faz crer que o Freud inicial conhecido por Merton tenha sido o de sua metapsicologia e seus conceitos de inconsciente e pulsão.

Cinco anos depois de suas primeiras leituras de psicanálise, em suas anotações de 8 de dezembro de 1939, ele faz referências à autoanálise que havia estabelecido como meta. “Eu costumava escrever em meus diários em grego: Conheça a si mesmo. [...] Li Jung e buscava identificar que tipo psicológico eu era e acreditava ser um tipo ‘extroversão-sensação’<sup>10</sup>, o que quer que seja isso”<sup>11</sup>.

Apesar de seu esforço, Merton aparenta uma compreensão rasa desses autores e, ao buscar interpretar a si mesmo na perspectiva reducionista que tinha das teorias freudiana e junguiana, concluía que sua infelicidade estaria associada à repressão sexual (interpretação decorrente da perspectiva pansexual de Freud) e que o maior crime do mundo seria ter uma personalidade introvertida (interpretação equivocada da tipologia psicológica de Jung). Ainda assim, ele segue

---

10 Merton possivelmente foi leitor de *Tipos psicológicos*, de Carl Gustav Jung, livro de 1921 onde o psicólogo suíço publica o resultado de pesquisas realizadas ao longo de vinte anos e que estão inseridas no contexto de sua teoria da personalidade. Jung busca compreender como o indivíduo se orienta psiquicamente perante o mundo e seus modos primários de funcionamento psicológico. Ele identifica dois tipos de atitudes de personalidade diante da vida (introversão ou extroversão) e quatro funções psíquicas (pensamento, sentimento, sensação e intuição), cuja combinação binária pode mostrar a predominância presente no funcionamento psíquico de cada sujeito. O tipo psicológico a que Merton se refere combina extroversão com sensação, formando um tipo que tem sua consciência dirigida para fora, uma desenvolvida percepção dos fatos, bom gosto estético e inclinação para experimentar tantas sensações concretas quanto possível.

11 MERTON, Thomas. Merton. In: HART, Patrick (Org.). *Run to the Mountain: The Journals of Thomas Merton (1939-1941)*. Vol. I. New York: HarperSanFrancisco, 1995.

mantendo contato com essas leituras e lentamente as elabora, a ponto de, em 1948, registrar em seu diário: “De modo geral, penso que não prejudicaria aos trapistas conhecerem a obra de Freud. [...] Pessoalmente, achei sempre que um conhecimento preciso do subconsciente ajudaria os sacerdotes a serem diretores espirituais”<sup>12</sup>.

Na década de 1950, seu contato com os escritos de dois neofreudianos<sup>13</sup>, Erich Fromm e Karen Horney, desperta nele o interesse por uma aproximação mais vigorosa com a psicanálise. De Fromm, ele se tornará um visitante assíduo, lendo *O medo à liberdade* (“*Escape from Freedom*”, 1941), *Análise do homem* (“*Man for Himself: An Inquiry into the Psychology of Ethics*”, 1947), *Psicanálise e religião* (“*Psychoanalysis and Religion*”, 1950), *A linguagem esquecida* (“*The Forgotten Language: The Understanding of Dreams, Fairy Tales and Myths*”, 1951), *A sociedade sã* (“*The Sane Society*”, 1955), *Zen Budismo e Psicanálise* (“*Zen Buddhism and Psychoanalysis*”, 1960), *Conceito marxista do homem* (“*Marx’s Concept of Man*”, 1961) e *Meu encontro com Marx e Freud* (“*Beyond the Chains of Illusion: My Encounter with Marx and Freud*”, 1962). Em troca ao que vinha absorvendo desse autor, manda para Fromm seus livros *Homem algum é uma ilha*, *Questões abertas* e *Ascensão para a verdade*.

De Karen Horney ele leu *Nossos conflitos interiores* (“*Our Inner Conflicts: A Constructive Theory of Neuroses*”, 1945) e *Neurose e desenvolvimento humano* (“*Neurosis and Human Growth: The Struggle Towards*”  
12 MERTON, Thomas. O signo de Jonas. São Paulo/Rio de Janeiro: Mérito, 1954.

13 Escola fundada com os pressupostos básicos da psicanálise, porém com ênfase nos aspectos culturais e sociais na constituição do sujeito.

*Self-Realization*”, 1950), cujos exemplares foram tão sublinhados a caneta por ele que o *Merton Center Collection*, que reúne parte dos livros de sua biblioteca e procura divulgar os trechos das páginas que foram marcadas por Merton ao lê-los, alegou que se fosse divulgado tudo o que Merton sublinhou nesses livros violaria os direitos autorais das obras originais<sup>14</sup>. Merton ficou tão bem impressionado com as teorias de Horney sobre o homem dividido em dois (o eu real, o eu neurótico) que, em carta a Erich Fromm em 2 de outubro de 1954, admitiu que “desde que descobri Karen Horney, tenho reavaliado meu originalmente prematuro julgamento sobre a psicanálise”.

Na mesma carta, ele fala de articulações possíveis entre psicanálise e religião:

Gostaria de dizer que eu percebo uma profunda concordância entre o psicanalista e o padre católico em alguns pontos fundamentais. Acredito que essa concordância deveria ser notada e enfatizada, pois sinto que nossas vocações, de uma forma ou de outra, se assistem uma a outra. Também entendo que há muito na tradição cristã que se enquadra muito bem na tendência geral de escritores como Horney e você [Fromm]. A razão para isso é que o cristianismo é fundamentalmente humanista, no sentido de que sua principal tarefa é habilitar o homem a conquistar seu destino, encontrar a si mesmo, ser ele mesmo: ser a pessoa para a qual foi criado. A pres-suposição é que o homem seja o ajudante de Deus no trabalho de criar a si mesmo<sup>15</sup>.

---

14 Merton Center Digital Collections. The Thomas Merton Center at Bellarmine University. Disponível em: <https://merton.bellarmino.edu/files/original/f8327de5adb7b4804bbe41b3fbfdeadb0e4f27670.pdf#toolbar=0>  
Acesso em: 18 jul. 2023.

15 MERTON, Thomas. In: SHANNON, William H. *The Hidden Ground of Love: The Letters of Thomas Merton on Religious Experience and Social Concerns*. United States: Farrar, Straus and Giroux (eBook),

Além da alegria de ter novas compreensões sobre a psicanálise a partir do neofreudismo, o contato que Merton passará a ter com os jovens que buscavam a vida monástica o levará a uma leitura mais fina desses textos psicanalíticos, no esforço voltado para articular psicologia e religião com fins práticos. Patrick Hart, também da ordem trapista e que atuou como último secretário de Merton, afirma que “o interesse de Merton no relacionamento da psicologia com a vida religiosa pode ser rastreado até o início da década de 1950, quando ele era mestre escolástico (1951-1955) e, posteriormente, mestre dos noviços (1955-1965)”<sup>16</sup>.

Anne C. Carr, que dedicou um livro à teologia do eu em Merton, corrobora essa reflexão, opinando que, em 1955, quando Merton foi incumbido de atuar como mestre dos noviços e passou a lidar com jovens problemáticos que adentravam o noviciado, sentiu a necessidade de um treinamento em psicologia pastoral, tanto para avaliar psicologicamente os aspirantes como para oferecer aconselhamento psicológico aos que precisassem. Hart considera que Merton

[...] estava na vanguarda no campo dos testes psicológicos para aspirantes que buscavam entrar na vida monástica. Ele sentiu fortemente que erros foram cometidos no passado devido a uma ignorância de alguns sobre os princípios básicos de psicologia na avaliação de possíveis candidatos, e todo esse sofrimento poderia ser evitado tanto para o indivíduo quanto para uma comunidade se postulantes para a vida monástica fossem cuidadosamen-

---

2011.

16 HART, Patrick. Editor's Note. In: MERTON, Thomas. The Neurotic Personality in the Monastic Life. *The Merton Annual*, v. 4, 1991, p. 3. Disponível em: <http://merton.org/ITMS/Annual/4/Merton3-19.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.

te selecionados por profissionais<sup>17</sup>.

## “A PERSONALIDADE NEURÓTICA NA VIDA MONÁSTICA”. PRECIOSO TEXTO DE MERTON ARTICULANDO PSICOLOGIA E RELIGIÃO

É desse período (1955 ou 1956) a produção de um texto menos conhecido de Merton, “A personalidade neurótica na vida monástica”<sup>18</sup>, onde ele procura analisar as motivações e crises de tantos neófitos que entravam para a vida religiosa por razões outras que não uma vocação legítima. Ele formula hipóteses para separar das razões válidas aquelas fundamentadas em perspectivas ilusórias e fadadas ao fracasso. Apoiase em Fromm para defender que muitos buscam aliviar sua ansiedade neurótica alienando-se em meio a um coletivo coeso (alguns o faziam em regimes totalitários, outros em ordens religiosas), e procura mapear determinados traços psicopatológicos de alguns aspirantes que tornam a vida de disciplina e clausura inadequada para muitas pessoas.

Um ponto relevante abordado por Merton nesse ensaio são as fronteiras que ele estabelece entre os objetivos da psicologia e da psicanálise e os da religião. Segundo seu entendimento, há pontos em comum:

---

17 HART, Patrick. Editor's Note, p. 3.

18 MERTON, Thomas. The Neurotic Personality in the Monastic Life. *The Merton Annual*, v. 4, 1991, p. 3-20. Disponível em: <http://merton.org/ITMS/Annual/4/Merton3-19.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020. Publicado mais de duas décadas após a morte de Merton, trata-se de um texto polêmico que sofreu duras críticas do psiquiatra e psicanalista russo convertido ao catolicismo George Zilboorg. Até hoje especula-se que a exagerada e hostil reação de Zilboorg, tanto ao artigo quanto a Merton, tenha sido motivada por ciúmes em relação ao sucesso literário de Merton, sendo este, já à época, um escritor católico mundialmente famoso. Seja como for, magoado com os comentários ásperos de Zilboorg, Merton guardou os manuscritos em seus arquivos e nunca mais pensou em publicá-lo.

tanto as ciências da mente quanto o ascetismo visam o amadurecimento e o aperfeiçoamento da alma humana, entretanto em níveis de profundidade diferentes. As ciências da mente buscam fazer com que o homem funcione normalmente e sem problemas como um ser humano maduro, buscando libertá-lo de disfunções emocionais e mentais e levá-lo a lidar com os problemas emocionais comuns da vida num nível adulto e não infantil. A experiência religiosa, por sua vez, já pressupõe essa maturidade, ao menos em boa parte, e tende a focar em “exercícios” do espírito, treinando o homem para uma vida de perfeição em Cristo. Nas palavras de Merton:

O objetivo do ascetismo é capacitar o homem a crescer em sua semelhança sobrenatural e espiritual com Cristo. Em outras palavras, busca desenvolver a personalidade de um homem em vista de seu fim sobrenatural. Tem como objetivo elevá-lo acima do nível do “homem velho”, vivendo de acordo com o mundo e a carne, e levá-lo à união com Deus em Cristo<sup>19</sup>.

Na concepção de Merton, onde os problemas emocionais comuns da vida permanecem sem solução, e onde a energia emocional excitada por esses problemas não é liberada e fica reprimida nas profundezas da alma, o ascetismo deve ser praticado com uma certa dose de cautela e reserva. Se a mente de um pretenso asceta não estiver madura e bem equilibrada, então não será possível para essa pessoa realmente compreender os problemas da vida espiritual, pois ainda não resolveu questões mais básicas, como os problemas comuns da existência humana madura:

---

Ele não é movido pelo Espírito Santo tanto  
19 MERTON, Thomas. *The Neurotic Personality in the Monastic Life*, p. 7.

quanto pela energia gerada por profundas ansiedades e medos subconscientes. O que ele interpreta como um desejo de oração, de Deus, de vida ascética, é na realidade o desejo não reconhecido de uma existência humana madura e normal. [...] Seu desejo por uma vida ascética e práticas ascéticas é, nesse caso, uma fuga da realidade em vez de uma adaptação à realidade<sup>20</sup>.

Ainda nesse texto Merton, a despeito de sua crítica ao pansexualismo de Freud, entende que uma sexualidade imatura e violentamente reprimida, ao invés de aceita e compreendida, está na base de muitos problemas na vida religiosa. Recorre ao conceito freudiano de sublimação para defender que

[...] as emoções geradas por essa paixão básica não têm necessariamente que se expressar fisicamente de forma a encontrar uma descarga natural. Elas são normal e naturalmente liberadas em forma “sublimada” em nossa vida de trabalho, estudo e oração, se vivemos como religiosos maduros. Se essas emoções não forem devidamente aceitas e integradas em nossa vida religiosa, nossa oferta de nós mesmos a Deus é incompleta, e resultam em problemas<sup>21</sup>.

No fim do ensaio, Merton valoriza as descobertas das ciências da mente:

Nossos padres monásticos foram abençoados com uma profunda sabedoria que intuitivamente penetrou nestes mistérios de caráter muito antes da vinda de psiquiatria. No entanto, as descobertas científicas claras do nosso tempo podem nos oferecer uma ajuda considerável para resolver os problemas dos

---

20 MERTON, Thomas. *The Neurotic Personality in the Monastic Life*, p. 8.

21 MERTON, Thomas. *The Neurotic Personality in the Monastic Life*, p. 10.

religiosos excêntricos, imaturos ou hipersensíveis<sup>22</sup>.

Embora o texto “A personalidade neurótica na vida monástica” possa, sob uma leitura crítica de estudiosos da psicanálise e da teoria contemporânea dos transtornos psiquiátricos, ser considerado simplista em muitos pontos, ele revela um avanço de Merton em sua concepção das interfaces entre as ciências da mente e a prática religiosa. Vinte anos de contato com conceitos da psicanálise, psicologia analítica e psiquiatria, associados a cerca de quinze anos de vida monástica, deram um lugar diferenciado ao Thomas Merton de 1955 em suas elaborações sobre o desenvolvimento humano e sobre os vários patamares necessários para o parto do homem novo. Ainda que ele tenha desistido de publicar seu ensaio, manteve-se explorando e fazendo articulações entre as descobertas sobre o funcionamento psíquico e a sabedoria acumulada pelas tradições religiosas. William Shannon, um de seus biógrafos, conta que essa preocupação era compartilhada com o abade Dom James Fox, que, compreendendo a necessidade de dispor de um psiquiatra na abadia, mandou John Eudes Bamberger estudar em Washington. Quando este retornou de seus estudos, juntou-se a Merton e a Matthew Kelty para avaliar candidatos que buscavam admissão ao mosteiro<sup>23</sup>.

---

22 MERTON, Thomas. *The Neurotic Personality in the Monastic Life*, p. 19.

23 SHANNON, William H. In: SHANNON, William H.; BOCHEN, Christine M.; O'CONNELL, Patrick F. *The Thomas Merton Encyclopedia*. New York: Orbis Books, 2002.

## PERSPECTIVAS PSICOTEOLÓGICAS OU TEOPSIOLÓGICAS DO SER HUMANO

Ross Labrie, professor na British Columbia, entende que, em suas elaborações sobre o verdadeiro eu, Merton considerava a hipótese do inconsciente, supondo a existência de um inconsciente psicossomático, enraizado num “substrato biológico”, e do inconsciente ontológico, que ele comparou com o que místicos como Eckhart chamavam de “chão da alma”. Labrie conta que Merton, em 1957, ao refletir sobre o que teria feito diferente em *Ascensão para a verdade* se a reescrevesse, confessou que incluiria uma discussão dos aspectos psicológicos da mística, incluindo as pulsões inconscientes, assim como o fez em *A experiência interior*, onde separou os aspectos patológicos do inconsciente, na perspectiva da psicopatologia freudiana, que ele atribuiu ao falso eu, e a centelha do verdadeiro eu – a voz de Deus impressa na psique para orientá-la espiritualmente. Reflete Labrie:

Merton, obviamente, estava fascinado por algumas áreas do subconsciente exploradas por Freud e pela estratificação freudiana da consciência. Ele estava especialmente interessado em sonhos, e contou alguns de seus próprios sonhos em seus diários. Ao sonhar, acreditava Merton assim como Freud, o subconsciente falava ao entendimento<sup>24</sup>.

Peter Tyler, professor de Teologia Pastoral e Espiritualidade em Londres, conta que Merton se interessava cada vez mais pela teoria psicanalítica:

Ele começou a levar esse entendimento da personalidade mais a sério, de modo que, quando endereçava suas conferências a novi-

---

24 LABRIE, Ross. *Thomas Merton and the Inclusive Imagination*. University of Missouri Press, 2001.

ços na abadia, na década de 1960, começou a usar muitos termos psicológicos e freudianos. [...] Seus últimos livros revelam uma tentativa de integrar as descobertas da análise psicológica com a percepção espiritual. Em *Contemplative Prayer*<sup>25</sup>, por exemplo, a integração dos dois é quase perfeita e ele escreve com domínio da vida espiritual usando tropos dos primeiros Padres do Deserto, João da Cruz e metáforas de Freud como “o ego” e “o inconsciente” com facilidade<sup>26</sup>.

Em artigo publicado em 1966 e, posteriormente, incluído no livro *Contemplação num mundo de ação*<sup>27</sup>, Merton especula sobre a conveniência de se implantar o dispositivo da análise em grupo nos mosteiros:

[...] não há dúvida de que a psicologia das profundezas teve certamente efeito revolucionário no moderno conceito de homem e na conseqüente ideia de moralidade. Se a análise em grupo deverá ou não ser um exercício normal nos mosteiros, é uma questão que, só de passagem, posso mencionar aqui<sup>28</sup>.

Não apenas Freud, mas também Jung continuou fazendo parte da agenda de estudos de Merton. Referências em seus diários, anos após sua conversão, evidenciam seu permanente interesse pelo material junguiano. No livro de 1966, *Reflexões de um espectador culpado*, ele cita com admiração uma reflexão de Jung:

E agora isso de Jung. [...] “As pessoas farão qualquer coisa, mesmo a mais absurda, para evitar enfrentar seu psiquismo. Praticarão a ioga hindu

25 No Brasil, “A oração contemplativa”, publicado pela Editora Ecclesiae em 2018.

26 TYLER, Peter. Thomas Merton Reads Freud. *Insoulpursuit* (blog). Disponível em: <http://insoulpursuit.blogspot.com/2014/05/thomas-merton-reads-freud.html>. Acesso em: 18 jul. 2023.

27 MERTON, Thomas. *Contemplação num mundo de ação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

28 MERTON, Thomas. *Contemplação num mundo de ação*, p. 52.

*com todos os seus exercícios, observarão um severo regime dietético, aprenderão de cor a teosofia ou repetirão mecanicamente textos místicos da literatura mundial. Tudo isso porque não conseguem suportar-se e não têm a mínima fé no fato de que algo de útil possa jamais vir do psiquismo”<sup>29</sup>.*

Por que esse trecho de Jung teria chamado a atenção de Merton a ponto de transcrevê-lo em seu diário? Podemos especular com alguma segurança que ele se preocupava com nossa tendência à alienação, e refletia que a fuga de nós mesmos poderia acontecer, inclusive no ingresso à vida monástica. Em concordância com Jung, Merton lamentava que tenhamos pouca fé no potencial de nosso psiquismo, *locus* onde, segundo sua teologia do verdadeiro eu, encontram-se nossa singularidade e nosso ponto de contato com Deus.

David Henderson, psicoterapeuta e professor da Universidade de Essex, escreveu um artigo em que faz articulações possíveis entre Merton e Jung<sup>30</sup>. Ele conta que, no fim da década de 1950, Merton ouvira que Jung estava escrevendo uma autobiografia, e isso o interes-

29 MERTON, Thomas. Reflexões de um espectador culpado. Petrópolis: Vozes, 1970. A frase de Jung citada por Merton foi formulada originalmente no ciclo de conferências de Eranos, na Itália, em 1935, sob o título de “Dream Symbols of the Individuation Process”. Posteriormente foi publicada na coletânea “Spiritual Disciplines: Papers from the Uranos Yearbooks” (Bollingen Series, v. 4, editada por Joseph Campbell em 1960 e publicada nos Estados Unidos pela Pantheon Books Inc.). É nessa coletânea que Merton encontrou a reflexão junguiana que lhe chamou a atenção. O texto aborda uma ampla gama de temas, que incluem a célebre teoria de personalidade de Jung (tipos psicológicos), considerações sobre o processo de individuação, princípios do tratamento psicoterapêutico, referências aos conceitos de sombra e persona, entre outros. Depois, Jung revisaria e ampliaria esse material para publicá-lo no capítulo III de Psicologia e alquimia, v. 12 de suas Obras Completas (Petrópolis: Vozes, 2012).

30 HENDERSON, David. Carl Jung and Thomas Merton: apophatic and kataphatic traditions in the 20th century. Studies in Spirituality, 13/2003. Leuven: Peeters, p. 263-91.

sou em conhecer o desenvolvimento do projeto. Em correspondência de 8 de maio de 1959 com a editora da Pantheon Books, Helen Wolff<sup>31</sup>, ele escreve:

Estou tão feliz que Jung está fazendo uma autobiografia e que Kurt<sup>32</sup> está trabalhando com ele. Recentemente eu li o *The Undiscovered Self*, de Jung, e quero dizer o quanto gostei e concordei com ele. Ele é um dos raros homens que estão nos ajudando a redescobrir a verdadeira forma de nossa vida, e a verdadeira validade de nossos símbolos<sup>33</sup>.

Em 22 de junho daquele ano, Merton escreve novamente para ela:

Aqui está um manuscrito<sup>34</sup>, ainda não totalmente terminado, que Kurt e você podem desfrutar. É um novo começo para mim, e acho que também pode interessar a Jung. Eu estou, por sinal, muito feliz em ouvir que sua autobiografia está sendo escrita. Fiquei profundamente impressionado com o seu *The Undiscovered Self*<sup>35</sup>, e o recomendo para as pessoas como uma das apologias mais compreensivas para a religião que li por muito tempo. Na verdade, um dos únicos, porque via de regra eu não perco meu tempo lendo apologética<sup>36</sup>.

---

31 As citações da correspondência de Merton são apresentadas por Henderson em seu texto de 2003 e foram extraídas originalmente de *The Courage for Truth: The Letters of Thomas Merton to Writers*, de Christine M. Bochen (1993).

32 Marido de Helen Wolff, também editor.

33 HENDERSON, David. Carl Jung and Thomas Merton, p. 6.

34 Henderson especula que Merton se refira ao livro *The Inner Experience* (no Brasil, *A experiência interior*, publicado pela Editora Martins Fontes em 2007).

35 Publicado em 1957, *The Undiscovered Self* é uma coletânea de ensaios nos quais Jung manifesta sua preocupação com movimentos de massa, ditaduras e a repentina irrelevância do indivíduo. Ao longo dos ensaios, ele enfatiza a importância da vida individual, do autoconhecimento, e denuncia a repercussão que os movimentos de massa produzem na mente do indivíduo.

36 HENDERSON, David. Carl Jung and Thomas Merton, p. 6.

Em seu diário no dia 30 de agosto de 1959 ele relata que recomendou a leitura de *The Undiscovered Self*, de Jung, para uma jovem enfermeira que havia parado de ir à igreja e se tornara agnóstica<sup>37</sup>. Em 6 de setembro de 1959, faz a seguinte anotação: “Lendo Jung sobre a religião (nada mau)”<sup>38</sup>.

Em 16 de novembro de 1959, ele pergunta: “Como está a biografia de Jung? Estive no hospital recentemente e lá eu li *O segredo da Flor de Ouro*, que é um livro bonito e sábio, e altamente civilizado”<sup>39</sup>. Em 23 de julho de 1960, em nova carta a Helen Wolff, ele volta ao tema: “Espero que as águas do lago estejam mais azuis do que nunca, e que o sol no monte esteja claro, e que haja muitas flores ao seu redor. Como está a autobiografia de Jung?”<sup>40</sup>

Para encerrar esse rol de citações, chama a atenção o fato de que, em 18 de abril de 1968, ano de sua morte, Merton mantinha seu interesse na psicanálise. Ele terminara a leitura de *O mal-estar na civilização*, de Freud, sobre o qual formulou o seguinte registro em seu diário: “um livro verdadeiramente profético!”<sup>41</sup> Ainda naquele ano, um registro em 14 de junho mostra que ele vinha pesquisando a psicanálise francesa e o estruturalismo. Ele reclama que esteve na Biblioteca da

37 MERTON, Thomas. In: CUNNINGHAM, Lawrence S. (Org.). *A Search for solitude: pursuing the monk's true life (1952-1960)*, v. III. New York: HarperSanFrancisco, 1996.

38 MERTON, Thomas. In: CUNNINGHAM, Lawrence S. (Org.). *A Search for Solitude: Pursuing the Monk's True Life (1952-1960)*, v. III. p. 327. Possivelmente Merton refere-se aqui à obra *Psicologia e religião*, v. 11/1 das Obras Completas, que apresenta conferências pronunciadas por Jung nos Estados Unidos sobre a importância da religião para o desenvolvimento psicológico do homem.

39 HENDERSON, David. *Carl Jung and Thomas Merton*, p. 6.

40 HENDERSON, David. *Carl Jung and Thomas Merton*, p. 7.

41 MERTON, Thomas. In: HART, Patrick (Org.). *The Other Side of the Mountain (1967-1968)*, v. VII. New York: HarperSanFrancisco, 1998.

Universidade de Louisville em busca de material para leitura e nada encontrou: “Nada. Nem Lévi-Strauss, nem Barthes, Lacan, etc.”<sup>42</sup>

## COMENTÁRIOS FINAIS

É impossível precisar até que ponto a psicanálise e a psicologia profunda ajudaram Merton na sua visão sobre a condição humana. Mas, ao explicar o falso eu importando termos como *persona*, *ego* e *superego*, ele mostra claramente que não teve preconceitos para conciliar os conhecimentos de Freud e Jung com o pensamento religioso de seus mestres espirituais na construção de uma teologia que articula o eu em suas expressões de falsidade e verdade. Com o objetivo de delinear uma progressiva minimização do falso eu (e sua identidade fundada no ilusório e mundano) e uma maximização do verdadeiro eu (e sua identidade singular ancorada em Deus), Merton soube brilhantemente acrescentar um importante capítulo no interminável debate sobre psicologia, religião. Antecipou o que Bertelli tão bem definiu como “espiritualidade do futuro”, promovendo o diálogo entre as intuições da psicoterapia com a mística das grandes religiões da humanidade. Merton, leitor de Freud e Jung, nos ensina que a abertura para a pluralidade dos saberes nos faz avançar no caminho da sabedoria. Vivo estivesse, estaria ele certamente enriquecendo o pensamento teológico com novidades do campo psi e, ao mesmo tempo, contribuindo para o entendimento da condição

42 MERTON, Thomas. In: HART, Patrick (Org.). *The Other Side of the Mountain* (1967-1968), p. 133. Em 1968, é possível que a psicanálise lacaniana fosse ainda bastante desconhecida nos Estados Unidos. Lacan tinha publicado seu primeiro livro de artigos, o clássico *Escritos*, dois anos antes, em 1966, mas é pouco provável que Merton o tenha lido. Entretanto, Merton já ouvira falar dele e o mencionava em seu diário, porém aparentemente por seu envolvimento com o estruturalismo francês na década de 1950.



## humana com o legado das tradições espirituais.

## Nilson Perissé



**N**ilson Perissé. Bacharel em Ciências Religiosas pelo Instituto Superior de Ciências Religiosas do Rio de Janeiro. Membro da Associação Thomas Merton, a partir de onde redige reflexões diárias sobre o Evangelho do Dia no Facebook da Associação. Autor do livro *Thomas Merton e a teologia do verdadeiro eu*, em vias de publicação pela Editora Vozes. Atua como catequista leigo de Iniciação Cristã (Batismo e Crisma) no Santuário Basílica de São Sebastião, na Tijuca (RJ). Mestre em Sistemas de Gestão pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com a dissertação “As pessoas já entram se sentindo menores: impactos da terceirização na subjetividade do trabalhador”. Bacharel em Comunicação Social pela Universidade da Cidade (RJ) e especialista em Gestão de Ouvidorias pela Universidade Cândido Mendes (RJ). Psicanalista de orientação freudiana e lacaniana. Profissionalmente, atua em processos de não violência no âmbito empresarial prestando assessoria a instituições públicas e privadas. Autor de capítulo do livro *Intervenções em assédio moral e organizacional*, organizado por Lis Andrea Soboll (São Paulo: LTr, 2017). Autor do artigo “Trabalho vivo – tomo I: sexualidade e trabalho, de Christophe Dejours” (*Revista Trabalho EnCena*, v. 1, n. 1, jan./jun. 2016, p. 197-210).



# CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário do Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e perspectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões – Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amalados, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elizabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elizabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Desislando Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Élcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O’Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Sílvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vázquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O’Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente – Massimo Faggioli



- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: a leitura, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição *Gaudium et Spes* – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da *Gaudium et Spes* – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática *Dei Verbum* e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Eclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inácio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica *Laudato Si'* e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de *Dignitatis Humanae* e *Amoris Laetitia* – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 *Laudato Si'*, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um *sensus fidelium* digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 *Laudato Si'* e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Ildo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyales Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a *Oikonomia* Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior

- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética - Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben - Joel De-cothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval - Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneo - Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais "Familiaris Consortio" de Wojtyła e "Amoris Laetitia" de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial - José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiologia da globalização de Francisco - Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento - Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium - Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da "parrésia eclesial" - Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? - Austen Ivereigh
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas - Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar - Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line - Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas - Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública - Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações - Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica - Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I - O fim de um mundo? - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II - As dores do parto - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III - Vinho novo, odres novos - Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão - Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura - Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais - Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo



- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Ryrie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Scquizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini
- N. 164 "*Gloria Victis - ainda que tarde!*" Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tia-rajú - Luiz Carlos Susin
- N. 165 O Sínodo da Amazônia, Querida Amazonia e as mulheres - Phyllis Zagano
- N. 166 O cristianismo e a revelação de Deus em tempos de irrelevância cristã - Francesco Cosentino
- N. 167 O magistério do Papa Francisco em tempos de guerra - Andreas Gonçalves Lind

 UNISINOS